

O INFLEXÍVEL PERMANECE PATO JAMAIS VIRA CISNE:
CONSTRUIR/ROMPER LIMITES NA EDUCAÇÃO

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis¹

A propósito do título

O inflexível permanece pato jamais vira cisne é título de uma obra do artista plástico José Leonilson, de 1993, que me serviu de inspiração para falar sobre o tema “limites” na Jornada de Educação “Da tradição à inovação”, organizada pela Diretoria de Comunidade e Cultura da SBPSP, em setembro de 2011.

Quando se trata sobre limites na educação de crianças e adolescentes é comum que o tema seja abordado pelo vértice da necessidade da imposição de limites ou da *construção* de limites, visando ao desenvolvimento. Pretendo pensar sob outro vértice: o da necessidade de *rompimento* de limites ou da transgressão, para o desenvolvimento humano. Foi nesse vértice que o título da obra de Leonilson me inspirou.

O inflexível associa-se à rigidez e à imobilidade. Ambos não promovem desenvolvimento. O desenvolvimento requer movimentação e flexibilidade. As figuras do pato e do cisne, que comparecem no título da obra, sugerem elementos de transformação de um andar lento e atarracado para um deslizamento suave e leve. O universo estético se apresenta nessas imagens com todo o seu potencial gerador de ideias. A inflexibilidade cria um campo para permanência e, em decorrência, cria bloqueios às transformações, necessárias ao desenvolvimento.

Uma educação que se quer geradora de homens criativos e emancipados (Adorno, 1971/2000) há que contemplar o rompimento de limites e a flexibilidade. Isso, no entanto, não se faz sem a construção de limites internos, consistentes, que propiciem ao indivíduo o “ir além”. É essa a ideia central que pretendo desenvolver no presente trabalho.

Romper limites

Romper limites é anseio antigo da humanidade, presente em histórias da mitologia (Dédalo e Ícaro), na Bíblia (o Jardim do Éden) e nos contos de fadas (Chapeuzinho Vermelho). Em todos esses textos há referência ao desejo dos personagens de saírem do que foi estabelecido. Assim, em Dédalo e Ícaro, o pai recomenda ao filho que não voe muito alto, porque as asas poderão se desfazer. O filho transgredir as recomendações do pai e se precipita no mar. Também no mito bíblico do Jardim do Éden encontra-se tema semelhante: Deus proíbe Adão e Eva de provarem do fruto da árvore da sabedoria e eles transgridem e são punidos por esse ato. O mesmo ocorre em Chapeuzinho Vermelho que, contrariando as ordens da mãe, toma o caminho da floresta e não o caminho do rio, o que também acaba por fazer a personagem passar por situações muito difíceis.

Essas são histórias que fazem parte do acervo onírico da humanidade (Nosek, 2007), ou seja, são espécies de sonhos que foram construídos e veiculados ao longo da história e que contêm preciosos conhecimentos sobre o viver humano. O que nos interessa no presente contexto é o que trazem sobre o rompimento dos limites, a travessia das fronteiras do já estabelecido ou do conhecido. Sem a ousadia de transgredir não há invenção (Dédalo e Ícaro), não há civilização (Jardim do Éden) ou não há crescimento (Chapeuzinho Vermelho).

Note-se que há sempre uma espécie de advertência sobre os perigos desse desejo de sair dos limites impostos pela autoridade. Pode-se interpretar isso como a referência ao risco existente em toda travessia, característico dos processos de transformação. Deixar de ser para se tornar envolve ousadia e

¹ Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

condição de sustentar os desdobramentos implicados na mudança.

Os grandes descobrimentos, inovações e invenções não teriam sido possíveis se não fosse a ousadia dos homens de ir além, de transpor, de romper limites! Em nosso tempo assistimos ao rompimento de fronteiras da comunicação, com a revolução da informática e a criação incessante de novas tecnologias. Também os limites biológicos são continuamente rompidos: longevidade, rejuvenescimento e extensão dos limites de idade para procriação são exemplos de barreiras rompidas.

No entanto, para que tais limites externos possam ser transpostos, há que haver limites internos bem estabelecidos. O homem que ousa transgredir é o que tem segurança. E, como nos ensina Winnicott (em Davis & Wallbridge, 1982), a segurança é proporcionada pelo cuidado de pais e educadores com as crianças, de tal forma que elas sejam protegidas de pressões externas e também das pressões internas, provenientes de seus próprios impulsos.

Construção de limites internos

A construção de limites internos diz respeito a um processo contínuo e delicado de tessitura de continentes psíquicos, que possam abrigar as mais diferentes ordens de experiências a que o indivíduo está submetido em seu cotidiano. As crianças e os adolescentes – o mote principal de nossas reflexões sobre educação – necessitam construir esses abrigos internos, construir sua subjetividade, seu acervo onírico, sua condição de pensar e sonhar para se tornarem homens ousados, capazes de transpor limites e inovar.

O que são esses abrigos internos ou continentes psíquicos? Trata-se de representações – imagens, noções, narrativas, ideias – formadas a partir das experiências vividas. Usando como exemplo um conto de fadas citado no início do artigo: Chapeuzinho Vermelho é um abrigo/continente psíquico/sonho/cervo onírico, para a experiência de sair de casa, e crescer, de enfrentar os desafios da vida sem a

companhia dos pais. No conto são tratados os medos, a dúvida, a insegurança, a decisão, a sedução, o desejo de transgressão etc. O conto oferece à criança um abrigo/continente repleto de imagens e narrativas de sua experiência que, sem esse recurso, permaneceria inominável e inutilizável para a construção de sonhos.

Assim, os estímulos que chegam ao aparelho mental, por diferentes vias, podem ser comparados à matéria líquida, que necessita de continente (receptáculo), direcionamento (margens) e modulação (usina hidrelétrica) para que possa ser utilizada. As experiências vividas nos assolam como *tsunamis* que precisam ser “trabalhadas” pelo aparelho mental, funcionando como usina hidrelétrica, que impõe barreiras (limites) à força das águas, não para reprimi-las, senão para melhor utilizá-las e transformá-las em energia produtiva.

Aos educadores interessa saber como contribuir para a construção desses limites internos. Trata-se de pensar em condições que promovam a construção da subjetividade, da interioridade. A construção da subjetividade fica ameaçada em um mundo em que prevalecem a exterioridade, a pressa, as metas a cumprir e o modelo a ser seguido. Segundo Maria Rita Kehl (2009), a velocidade da vida contemporânea tem uma face mortífera, que atenta contra a “delicadeza inegociável da vida psíquica” (pp. 16-17). Gosto da expressão “delicadeza inegociável” exatamente porque remete às atitudes delicadas requeridas pela construção da subjetividade, ou, no nosso tema, dos limites internos necessários à sobrevivência e grandiosidade da alma.

Esses limites se constituem a partir de alguns elementos fundamentais:

- construção de intimidade.
- construção de símbolos, imagens e narrativas.
- cuidados com a “nutrição” mental.

Quando se trata de *construção de intimidade*, é importante lembrar que intimidade não significa, nesse contexto, saber de segredos ou falar da privacidade. Intimidade nas relações humanas é algo mais sutil, que diz respeito ao contato psíquico (íntimo) com o outro. Associa-se a estar atento ao outro, sensível e consonante com seu estado mental, com suas dores e necessidades, desejos e expectativas, frustrações e satisfações. Portanto, construir intimidade requer tempo e disponibilidade para o outro, elementos raros em nosso mundo contemporâneo, em que predominam a pressa e a superficialidade no contato. No entanto, é exatamente a intimidade que podemos ter com nossos filhos e nossos alunos que abrem espaço para a construção dos limites internos, continentes das experiências vividas.

De fato, quando estamos próximos psiquicamente de nossas crianças e nossos adolescentes, podemos ter acesso a eles, via compreensão e respeito, e não por intermédio de imposições ou regulações impostas. Segundo Winnicott (1993), a segurança imposta é um insulto quando a segurança interna é um fato.

Na intimidade psíquica constroem-se as representações. As experiências vividas com os sentidos (sensações) requerem transformações para obter sentido (psíquico). Elas se tornam *símbolos, imagens e narrativas*, que são como invólucros que as contêm.

Um bom modelo para pensar esse processo de transformação é o do brinquedo de montar que contém inúmeras peças, de diferentes tamanhos, formas e cores, com encaixes diversos. As peças soltas não têm significado, mas têm o potencial de se tornarem infinitas figuras, que colocadas em relação umas com as outras, tomam a forma de infinitas narrativas das mais diversas experiências. Surgem homens, mulheres, crianças; carros, barcos, aviões; árvores, flores, florestas; estradas, pontes, muros, muralhas; animais, pequenos e grandes, mansos e ferozes; infinitas possibilidades, como as experiências da vida. Esses elementos possibilitam a construção de histórias,

dignas de grandes cineastas (dramas, comédias, tragédias, terrores, romances, aventuras, documentários, musicais).

Esses são os limites internos que constroem a subjetividade flexível, com condição de oscilar entre a articulação e a desarticulação, a construção e a desconstrução, o estabelecido e o novo.

Pais e educadores contribuem nesse processo quando oferecem às crianças condições de intimidade, para que possam construir e narrar suas histórias e, também, quando lhes oferecem tempo, precioso, para narrar-lhes histórias, reais ou fantásticas. Trata-se de uma espécie de *cuidado com a "nutrição" mental* da criança. Tal como há a preocupação dos adultos em oferecer à criança bons alimentos que contenham nutrientes que possam contribuir para seu crescimento, também a mente requer uma boa nutrição, proveniente das "vitaminas" geradoras de sonhos.

Por outro lado, o rompimento desses limites internos leva a estados confusionais, à falta de identidade, a sensações de liquefação, ausência de discriminação interno/externo, à sensação de inexistência, de queda no abismo... (Tustin, 1990).

Construir/Romper limites

A construção dos limites internos, tal como descrito no item anterior, formam a base para a transposição dos limites externos, em um sentido criativo. O sujeito capaz de sonhar, de dar sentido a sua experiência emocional, ou seja, aquele que é constituído de limites internos, sente-se seguro e rompe fronteiras rumo a invenções, inovações, em um contínuo e fértil direcionamento ao novo.

Em resumo esquemático:

Construção de limites internos (símbolos, imagens e narrativas) → constituição da subjetividade → segurança → emancipação → condição de transpor limites → criatividade.

Referências

- Adorno, T. W. (2000). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1971).
- Davis, M. & Wallbridge, D. (1982) *Limite e Espaço, uma introdução à obra de Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão, a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Nosek, L. (2007). Os sonhos. In Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, *Psicanálise e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1993). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.